



**A RECONFIGURAÇÃO DA INTIMIDADE E DA SEXUALIDADE
ENTRE OS CABO-VERDIANOS:**

Etnografias das redes sociais

**THE RECONFIGURATION OF INTIMACY AND SEXUALITY AMONG
CAPE VERDEANS:**

Ethnographies of social networks

**LA RECONFIGURACIÓN DE LA INTIMIDAD Y LA SEXUALIDAD
ENTRE LOS CABOVERDIANOS:**

Etnografías de las redes sociales

Flávia Lenira Gomes Marques dos Santos

Doutora em Ciências Sociais - fa7santos@hotmail.com

Vladmir Antero Delgado Silves Ferreira

Doutor em Ciências Sociais, docente e vice-presidente da Faculdade de Ciências Sociais,
Humanas e Artes - vladmir.ferreira@adm.unicv.edu.cv

Carla Santos Carvalho

Doutora em Estudos de Desenvolvimento, docente da Universidade de Cabo Verde,
colaboradora do Centro de Investigação e Formação em Género e Família e investigadora em Género
e Desenvolvimento - carla.carvalho@docente.unicv.edu.cv

Recebido em: 20/10/2021

Aceito para publicação: 30/10/2021

Resumo

A emergência de novos espaços despoletou encontros virtuais de indivíduos desconhecidos que se interagem via mensagens e partilha de imagens e vídeos. De um período de partilhas nas redes sociais de pequenos vídeos gravados em diferentes contextos, surge uma nova vaga de transmissões ao vivo, via plataformas como o Twitter, o Youtube, o Facebook, e mais recentemente o Instagram, sendo as duas últimas consideradas as principais ferramentas para transmissões ao vivo, pelo nível de recursos que disponibilizam aos seus usuários. Neste artigo propomos analisar como se reconfigura a intimidade e a sexualidade nas redes sociais entre os cabo-verdianos trazendo algumas reflexões sobre as redes sociais no contexto da globalização; a emergência de novos tempos e novos espaços, com repercussões na intimidade e sexualidade online; a fabricação de corpos nas redes sociais e as mudanças nas relações de género. A metodologia utilizada consiste numa etnografia das redes sociais via análise de alguns vídeos selecionados, resultantes tanto de lives como de vídeos que retratam a temática da sexualidade e extrapolam a intimidade para um espaço público, que são feitos com a finalidade de auto-partilha nas redes sociais ou outros que são partilhados por terceiros. Entre os vídeos produzidos por indivíduos do género feminino, a produção dos vídeos segue um roteiro que frequentemente inclui a publicitação prévia dos mesmos nas suas páginas nas redes sociais, com detalhes do dia e o horário do próximo live, avançando em alguns a temática que irá ser retratada, cativando e estimulando os espetadores e alcançando durante a transmissão níveis elevados de audiência. Os vídeos protagonizados por indivíduos do género masculino constatamos que são produzidos sobretudo em espaços públicos de lazer, de convívio entre conhecidos ou até mesmo no local de trabalho. A figura

central é a mulher nas mais variadas dimensões e se centram essencialmente à volta de temáticas sobre como ser um bom amante, como dominar as técnicas e os rituais potenciadores do prazer feminino.

Palavras-chave: Intimidade, Redes Sociais, Cabo Verde.

Abstract

The emergence of new spaces has triggered virtual encounters of unknown individuals who interact via messages and sharing of images and videos. From a period of sharing on social networks of short videos recorded in different contexts, there is a new wave of live broadcasts, via platforms like Twitter, Youtube, Facebook, and more recently Instagram. In this article we propose to analyse how intimacy and sexuality is reconfigured in social networks among Cape Verdeans bringing some reflections on social networks in the context of globalisation; the emergence of new times and new spaces with repercussions on intimacy and sexuality online; the manufacture of bodies in social networks and changes in gender relations. The methodology used consists of an ethnography of social networks via the analysis of some selected videos, resulting both from lives and videos that portray the theme of sexuality and extrapolate intimacy to a public space, which are made for the purpose of self-sharing on social networks or others that are shared by third parties. Among the videos produced by women, the production of videos follows a script that often includes prior publicity on their social network pages, with details of the day and time of the next live, in some cases advancing the theme that will be portrayed, captivating and stimulating viewers and achieving high levels of audience during the transmission. The videos produced by men are mostly made in public leisure spaces among friends or even at the workplace. The central figure is the woman in the most varied dimensions and are essentially centered around themes about how to be a good lover, how to master the techniques and rituals that enhance female pleasure.

Keywords: Intimacy, social networks, Cabo Verde.

Resumen

La aparición de nuevos espacios ha provocado encuentros virtuales de personas desconocidas que interactúan a través de mensajes y compartiendo imágenes y vídeos. De una época en la que se compartían en las redes sociales vídeos cortos grabados en diferentes contextos, se ha pasado a una nueva oleada de retransmisiones en directo, a través de plataformas como Twitter, Youtube, Facebook y, más recientemente, Instagram, siendo estas dos últimas consideradas las principales herramientas para las retransmisiones en directo, por el nivel de recursos que ponen a disposición de sus usuarios. En este artículo nos proponemos analizar cómo se reconfigura la intimidad y la sexualidad en las redes sociales entre los caboverdianos aportando algunas reflexiones sobre las redes sociales en el contexto de la globalización; la emergencia de nuevos tiempos y nuevos espacios con repercusiones en la intimidad y la sexualidad en línea; la fabricación de cuerpos en las redes sociales y los cambios en las relaciones de género. La metodología utilizada consiste en una etnografía de las redes sociales a través del análisis de algunos vídeos seleccionados, resultantes tanto de vidas como de vídeos que retratan el tema de la sexualidad y extrapolan la intimidad a un espacio público, que se realizan con el fin de autocompartirse en las redes sociales u otros que son compartidos por otros. Entre los vídeos producidos por mujeres, la producción de los mismos sigue un guión que suele incluir su publicidad previa en sus páginas de redes sociales, con detalles del día y la hora del próximo directo, adelantando en algunos casos el tema que se va a retratar, cautivando y estimulando a los espectadores y logrando altos niveles de audiencia durante la transmisión. Los vídeos producidos por los hombres se realizan sobre todo en espacios públicos de ocio entre amigos o incluso en el lugar de trabajo. La figura central es la mujer en las más variadas dimensiones y se centran esencialmente en temas sobre cómo ser un buen amante, cómo dominar las técnicas y los rituales que potencian el placer femenino.

Palabras clave: Intimidad, redes sociales, Cabo Verde.

Introdução

As repercussões do mundo globalizado, como enunciadas por Giddens (2000), no aumento de possibilidades de contato e troca entre indivíduos permitiu o desenvolvimento de uma sociedade de informação suportada pelas tecnologias de informação e comunicação, tal como pontua Castells (2002). As novas mediações tecnológicas reestruturaram as relações

sociais no espaço-tempo (Giddens, 2001) onde os comportamentos e sentimentos associados à vida sexual e marital se tornaram móveis, instáveis e abertos.

A intimidade, tal como problematizada em Arfuch (2005), articula as esferas do público e do privado, ganhando novos contornos nas redes sociais com o aprofundamento dos contatos na esfera da intimidade, que passa a ser performatizada, com repercussões na politização da vida privada (Beleli, 2017). A emergência de novos espaços despoletou encontros virtuais de indivíduos desconhecidos que se interagem via mensagens e partilha de imagens e vídeos.

O aumento e a diversificação da utilização da internet, particularmente visível durante o atual período pandémico, acarretou benefícios evidentes, mas acabou também por criar condições para o desenvolvimento de novas modalidades de ofensa e de vitimização online. Entre estes estão crimes económicos, fraudes, roubos de identidade; crimes de ofensa e de ódio online, particularmente nas redes sociais; comportamentos de cyberbullying, de cyberstalking ou assédio online, e estão também crimes sexuais como a pornografia infantil e o *grooming* sexual (Pinto, 2021).

De um período de partilhas nas redes sociais de pequenos vídeos gravados em diferentes contextos, surge uma nova vaga de transmissões ao vivo, via plataformas como o Twitter, o Youtube, o Facebook, e mais recentemente o Instagram, sendo as duas últimas consideradas as principais ferramentas para transmissões ao vivo, pelo nível de recursos que disponibilizam aos seus usuários (Lay & Ferwerda, 2018).

Passado o tempo em que as transmissões ao vivo eram feitas quase que exclusivamente por artistas ou jornalistas, atualmente elas são feitas por qualquer usuário, onde a exposição inicial da imagem, do nome, da intimidade do lar veio trazer uma nova dinâmica de interação com os seguidores (Lasén & Gómez-Cruz, 2009).

No contexto cabo-verdiano, de uma situação onde tínhamos fugas pontuais de vídeos feitos na intimidade e que na maioria das vezes eram divulgados nas redes sociais sem o consentimento de pelo menos um dos intervenientes, qualificados como uma invasão da privacidade e fora de limites de aceitação, para uma maioria dos visualizadores, as transmissões ao vivo passaram a ser incorporadas nas interações virtuais entre os cabo-verdianos, o que acarreta várias implicações a respeito das relações de género.

O que se destaca nessas transmissões é o surgimento de um novo roteiro de *lives*, com temáticas sobre a sexualidade, extrapondo a intimidade do campo privado para um espaço

público intimista e descontraído. Em alguns vídeos assistimos a aulas sobre as performances sexuais e sobre a sexualidade, no geral, com espaço para colocação de perguntas, esclarecimento de dúvidas e comentários gerais que enaltecem os performances.

A pretexto de ter visualizações nos próximos lives, publicitam, com antecedência, nas suas páginas nas redes sociais o dia e o horário do próximo live, avançando em alguns a temática que irá ser retratada, por forma a cativar e estimular os espectadores, objetivando alcançar níveis elevados de audiência durante a transmissão.

Tal situação assumiu novos contornos devido ao confinamento a que as pessoas ficaram sujeitas em todo o mundo no período da pandemia do novo coronavírus sars-cov-2. As pessoas passaram uma maior parte do tempo nas redes sociais, com repercussões nas formas de exposição de expressão pública, de dimensões que, tradicionalmente, costumava ser de partilha mais íntima.

Neste artigo nos propomos analisar como se reconfigura a intimidade e a sexualidade nas redes sociais entre os cabo-verdianos trazendo algumas reflexões sobre as redes sociais no contexto da globalização; a emergência de novos tempos e novos espaços com repercussões na intimidade e sexualidade online; a fabricação de corpos nas redes sociais e as mudanças nas relações de género.

Material e métodos

A metodologia utilizada consiste numa etnografia das redes sociais via análise de vídeos selecionados, resultantes tanto de lives como pequenos vídeos gravados, que retratam a temática da sexualidade e extrapolam a intimidade para um espaço público, objetivando audiências, comentários e *likes*, cujo conteúdo são partilhados nas redes sociais pelos seus autores ou por terceiros, que apresentam uma riqueza visual e semântica. Na maioria dos casos, é a pessoa que se autografa e noutros sabe que está a ser filmada, e com o seu consentimento tais vídeos são partilhados. São sobre essas duas situações que a nossa análise se debruça.

Segundo Loizos (2003: 149), “não existem limites óbvios para a amplitude de ações e narrações humanas que possam ser registadas, empregando conjuntamente imagem e som em um filme de vídeo”.

No presente caso não se trata concretamente de vídeos produzidos por nós durante uma pesquisa de campo e sim, na sua maioria, informação visual produzidos em direto por diferentes usuários, que traz outros desafios para a pesquisa social, nomeadamente a nível de troca de informações em situações interativas. Segundo Loizos (2003: 152), “o sentido do que está acontecendo depende muitas vezes de que os pesquisadores sejam capazes de ouvir claramente o que foi dito”.

Em alguns vídeos resultantes de lives, também se analisou alguns comentários. De se realçar que os comentários analisados se reportam àqueles feitos durante os lives e que ficam visíveis no decorrer dos mesmos. Cada vídeo é único, mas cada visualizador, de acordo com a sua perceção e habilidade dá-lhe diferentes sentidos e conotações e elabora comentários de acordo com o seu quadro de referência.

Não se analisou cada live na sua totalidade e sim os recortes feitos que foram partilhados em pequenos excertos nas redes sociais. Daí que, embora durante a live não se conseguem ter os truques de edição habilidosas e manipulações de imagens, falas ou contextos, nos casos de recortes poderemos estar perante uma tendência na manipulação dos lives, por parte de quem os grava e edita a posteriori, a fim de trazer mais debate e polémica com alguma propensão a ridicularizar os seus autores com esse compartilhamento. Nem sempre os excertos têm boa qualidade de imagem, sendo que em alguns ângulos, as câmaras não permitiram a visualização da sequência de detalhes de ações, embora a qualidade do som seja audível.

Os vídeos selecionados foram produzidos por cabo-verdianos que vivem tanto nas ilhas de Cabo Verde como na diáspora. Um dos elos de ligação entre os vídeos é a língua a que todos recorrem, neste caso o Crioulo, a língua materna e nacional cabo-verdiana, de acordo com a variante do falante, visto existir uma variante do Crioulo para cada ilha habitada e haja intercompreensão entre os falantes. Em nenhum dos vídeos analisados, o Português, língua oficial de Cabo Verde, é utilizado. Embora a forma de organização do seu pensamento esteja em crioulo, no presente artigo optou-se por apresentar as falas traduzidas em português.

Os 9 vídeos foram escolhidos de acordo com a sua pertinência para a temática explorada, pelos padrões de comportamento similares e pelo recurso ao crioulo, elo de ligação que nos levam a afirmar serem de cabo-verdianos, não se analisando nenhum vídeo cujo processo de gravação tenha sido oculto. Não sendo possível garantir proteção ética na sua identificação e nem sendo necessário o consentimento por escrito pelo fato de todos os vídeos terem sido

divulgados nas redes sociais, optou-se pelo não uso dos nomes dos autores, visto que em alguns casos não se tem informações sobre a sua identidade, a data em que os lives foram produzidos e nem em que lugar. Tal opção não descarta a observância de algumas informações pessoais dos autores desses vídeos, nomeadamente ao género e média de idade.

Em alguns vídeos optou-se por fazer *Print Screen* de passagens do mesmo, que permitiram o diálogo com o texto e as falas dos protagonistas¹.

Quadro 1: Análise de vídeos

Dimensão visual	Dimensão verbal
Ambiente da cena	Categoria semântica
Descrição da narrativa	Estrutura da narrativa

Fizemos a opção pela transcrição integral dos pequenos vídeos. Segundo Moreira (1994: 142) “a transcrição integral oferece a vantagem de permitir todos os tipos de análise. Pode-se não saber quais são os aspetos analíticos mais significativos no momento em que se faz a transcrição, mas ao fazê-la de forma integral cria-se a possibilidade de não se perder dados”.

As redes sociais no contexto da globalização

O estabelecimento de redes é uma prática humana muito antiga. Contudo, o crescimento rápido das novas tecnologias de comunicação nas últimas décadas e a sua incorporação nas rotinas diárias (em casa e no trabalho) dos indivíduos tem proporcionado novas formas de contacto e de relacionamentos em tempos e espaços nunca dantes imagináveis.

Tal situação nos remete à globalização, entendida como o processo de intensificação das relações sociais em escala mundial através das quais os acontecimentos locais sofrem a influência de eventos que ocorrem a muitos quilómetros de distância e vice-versa. As consequências de nossos atos estão encadeadas de tal forma que o que fazemos em nossa casa repercute em espaços e tempos distantes.

Segundo Giddens (2000) a globalização não é apenas um fenómeno de natureza económica. É também política, tecnológica e cultural. Os progressos alcançados nos sistemas de comunicação, sobretudo a partir do final da década de 1960 com o lançamento dos primeiros

¹ De realçar que, por se tratarem de vídeos, nem sempre se conseguiu boa qualidade de imagem nos prints.

satélites, e de transportes potencializaram e aumentaram as possibilidades e modalidades de troca e contato entre os indivíduos.

Este percurso da história humana gera uma multiplicidade de opções para a vontade humana se concretizar potencializando um fluxo de informações a escala nunca antes vivenciado.

A sociedade de informação, definida em Castells (2002) é entendida como um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica, movida pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação. O seu funcionamento advém de uma estrutura social em rede, que envolve todos os âmbitos da atividade humana, numa interdependência multidimensional que depende dos valores e dos interesses subjacentes em cada país e organização.

Neste sentido, a sociedade em rede é uma estrutura social, que pauta relações de produção, consumo e experiência. As redes sociais são transportadas para essas plataformas. As novas tecnologias permitem uma coordenação diferenciada, que esvai a importância do conceito do tempo, que se vão reconfigurando consoante os proveitos e os benefícios que trazem para os integrantes da sociedade. Quanto mais relevante é a informação, e mais capacitada está de a reter, de a transportar e de a usar, mais pertinente se torna a sua inclusão na rede, que vê outros mecanismos excluídos nesta dinâmica quase binária (Castells, 2002).

As redes sociais são, assim, programadas pelos seus protagonistas e pelas instituições que as norteiam e, de um modo ou de outro, as controlam. Assim que aplicadas, as suas lógicas são impostas nos componentes humanos dessas redes com as alterações a gerarem elevadas despesas sociais e económicas, tanto pelas transformações valorísticas e educacionais que acarretam, mas também pelos custos subjacentes às tecnologias exigidas pelos contextos.

As tecnologias de informação e de comunicação vieram, paulatinamente, substituir muitos meios e mecanismos de funcionamento das relações pessoais e interpessoais, formais e informais, materiais e imateriais, estabelecidas nos mais diversos contextos, desde os profissionais até aos pessoais, individuais e coletivos. A globalização efetiva-se com uma maior presença através da capacidade destes recursos interligarem diversos pontos de todos os lugares do mundo, de forma abrupta demais para muitos o incorporarem no seu entendimento.

As tecnologias de informação e de comunicação, consubstanciadas na criação e utilização da Internet, surgem como cada vez mais determinantes nas relações interpessoais, sobretudo com a criação e utilização da Internet.

Uma das principais razões que levam os indivíduos a juntarem-se a organizações reside no estabelecimento de relações e no aumento da sua influência pessoal. Os sociólogos designam as recompensas da pertença a redes e organizações como “capital social”, ou seja, o conhecimento social e as relações que dão às pessoas a possibilidade de atingirem os seus objetivos e aumentarem a sua influência. Capital social inclui redes sociais úteis que capacitam os indivíduos.

Os dados mais recentes do Internet Trends mostram que já mais de metade da população do planeta está ligada à Internet. Segundo a edição de 2019 da Internet Trends, 51% da população terrestre já tem acesso à Internet. Este número representa 3,8 mil milhões de pessoas. Os mesmos dados indicam que em termos distributivos 53% dos utilizadores da Internet estão na Ásia-Pacífico, 15% na Europa, 13% na África e no Médio Oriente, 10% na América Latina e nas Caraíbas e 9% na América do Norte. A China representa 21% dos utilizadores, a Índia 12% e os EUA 8%. Estes países são seguidos pela Indonésia, Brasil, Japão, Rússia e México.

Somente no continente africano, são mais de 560 milhões de telemóveis a funcionar. Os aparelhos *smartphones* são o principal meio utilizado pelos africanos para aceder à internet.

A Comissão da ONU explica que a comunicação móvel foi uma das principais responsáveis pelo crescimento económico e social da atualidade e continuará a indicar muitas das soluções necessárias para os desafios de desenvolvimento do mundo.

Contudo os custos de acesso à internet são objeto de chamada de atenção em vários relatórios. Atualmente a banda larga custa o equivalente a 1,7% da renda média das famílias dos países desenvolvidos. Já nos países em desenvolvimento, o custo é de 31%. Porém, quem vive em África paga ainda mais caro, o pacote de banda larga mensal custa 64% da renda média.

Cabo Verde, apesar de ser um país de desenvolvimento médio, de pequena dimensão e arquipelágica, apresenta indicadores de acesso às novas tecnologias acima da média mundial.

Segundo os indicadores estatísticos do mercado das telecomunicações eletrónicas em Cabo Verde relativos ao ano de 2018, existiam 610.328 assinantes de telemóveis, o que representa uma taxa de penetração de 119%. Portanto, o total de assinaturas de telemóveis é superior ao número total da população. Em termos de acesso à internet, dados de 2017 nos indicam que haviam 396868 assinantes de serviços de internet banda larga no país, o que representava uma taxa de penetração de 73,8% (INE, 2018).

Outros dados importantes disponibilizados pelo INE nos indicam que em termos de habilidades dos Cabo-verdianos no uso da internet, cerca 90,2% dos utilizadores sabem aceder às principais redes sociais online e 81,9% conseguem enviar e receber mensagens instantâneas.

Os novos tempos e os novos espaços: a intimidade e a sexualidade online. Desde uma estratégia de aconselhamento à partilha da intimidade

No contexto moderno e pós-moderno, a intimidade vem sendo reconfigurada a partir das mediações tecnológicas. Segundo Giddens, modernidade refere-se a “modos de vida e de organização social que emergiram na Europa nos meados do século XVII e que adquiriram subsequentemente uma influência mais ou menos universal” (Giddens, 2002:1).

A modernidade, neste sentido, expressa descontinuidade, a rutura entre o que se apresenta como o “novo” e o que persiste como herança do “velho”. Este novo contexto se expressa na rutura com a ideia de comunidade (una e corporificada no dirigente) e passagem à ideia de sociedade (dividida em interesses em conflito, classes antagónicas e grupos diversificados); e, na rutura com a ideia e a prática teológico-política do poder político encarnado na pessoa do dirigente e passagem à ideia da dominação impessoal ou da dominação racional, isto é, o nascimento da ideia moderna de Estado (Giddens, 2001).

Na modernidade há uma descontextualização ou “desinserção” das relações sociais dos contextos locais de interação e à sua reestruturação através de extensões indefinidas do espaço-tempo. As garantias simbólicas e os sistemas periciais constituem mecanismos de descontextualização porque primeiro estão intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas, segundo retiram as relações sociais das imediações do contexto, terceiro pressupõem e facilitam a separação do tempo e do espaço (Giddens, 2001).

O self e/ou a auto-identidade tem uma adequação diferente no contexto da modernidade, na medida em que, não é uma entidade passiva, determinada por influências externas uma vez que os indivíduos ao forjarem as suas auto-identidades e, independentemente do carácter reduzido dos seus contextos de ação específicos, contribuem e promovem influências sociais com consequências e implicações globais. No contexto da modernidade e do “novo” self, os modos de comportamentos e sentimentos associados à vida sexual e marital tornaram-se

móveis, instáveis e “abertos” (Giddens, 2001). Nas relações de intimidade de tipo moderno, os laços de intimidade podem regressar à esfera dos contatos impessoais.

Leonor Arfuch (2005) problematiza a noção de intimidade como condição essencial dos seres humanos, de forma a interrogar sobre o “segredo”, “o espaço interior”, mostrando que o “íntimo” se articula entre as esferas do público e do privado, ambas sociais e políticas. A ideia de proteger o íntimo – intangível – das normas de conduta remete a uma “autonomia radical” (Arfuch, 2005), mas sua narração, que associa corpos, imagens e objetos, oferece certa tangibilidade ao que antes era pensado como fora do alcance de outrem.

A internet permitiu o estabelecimento de redes que aprofundaram os contatos na esfera da intimidade, que começou a se desenvolver por meio das interfaces digitais, e essas transformações associam o uso individualizado dos equipamentos de comunicação digital com a ampliação e a politização de vida privada (Beleli, 2017).

A intimidade é agora pública, mas isso não significa que as pessoas revelem tudo, a intimidade é também performada, uma espécie de encenação pública em que a (hiper) exposição da intimidade é uma forma de se destacar em meio à abundância de perfis (Beleli, 2017).

Com a situação pandêmica que o país, e o mundo, atravessa, provocada pela COVID-19, verifica-se um conjunto de transformações, no quadro da vivência da sexualidade, intimidade e relacionamentos, propiciadas pelo acesso e uso massivo às diversas plataformas de redes sociais. Em Cabo Verde, duas plataformas, têm mais utilizadores como o Facebook e o Instagram – este conquistando cada vez mais o público mais jovem. As TIC e a internet têm alterado a vida das pessoas, moldando quiçá a vida das pessoas. Segundo Lévy (1999, 1993) as telecomunicações e informática estão a engendrar novas maneiras de pensar e conviver e estas mudanças estão a intervir no conteúdo e na natureza da vida social quotidiano.

Tendo em conta essas encenações, exposição da intimidade e temáticas da sexualidade performatizadas nas redes sociais, passamos a analisar três vídeos que exploram essas questões.

No primeiro vídeo, a protagonista é uma mulher na faixa etária entre os 35-40 anos, cabo-verdiana, que vive em Portugal, mãe de 5 filhos, dos quais dois vivem com ela.

No momento do live é seguida no Instagram por 1478 seguidores. O vídeo analisado constitui um pequeno recorte de 1 minuto e 40 segundos que passou a circular nas redes sociais.

Neste live, ela encontra-se sentada, de frente à câmara, recorre a gestos tanto com a boca como com os dedos que demonstram como executar os movimentos sexuais por ela descritos em suas falas, não colocando em causa o seu comportamento diante desse sistema de registo online.

A linguagem por ela utilizada é direta, explícita. Ela traz ensinamentos sobre como uma mulher deve iniciar os preliminares com os homens, no momento da relação sexual.

Numa situação interativa, ela assume o papel de uma expert sobre a intimidade e a sexualidade, com grande experiência e conhecimento sexual que lhe permite transmitir essas informações, principalmente direcionadas às mulheres, mantendo o público engajado.

A primeira troca de informação que revela a experiência sexual verifica-se na seguinte passagem: “esta é a primeira massagem, diz-se que é a massagem do ânus, para dar mais tesão. Vamos nos esquecer que é por onde saem as fezes. O assunto é tesão. (...) Dali vamos subir para os testículos e começar a mamada, ele vai começar a enlouquecer, o pênis vai começar a ficar ereto” (...). Ao mesmo tempo, mostra os movimentos com a boca e o dedo, fazendo recurso à língua.



Fonte: Print Scream de vídeo partilhado nas redes sociais

Apela constantemente à tesão do parceiro com demonstrações de como proporcionar prazer sexual ao homem, nomeadamente com a massagem da língua nos seus órgãos genitais, o que permitirá a sua ereção. O que se pretende é que se revele a tal virilidade masculina.

Em meio à sua narrativa, realça que “há muito que não dou uma mamada destas, estes dias vou ter que dar estas mamadas de novo, mamada é muito delicioso, tem aquele sal como o

sal que colocamos na salada”. Faz assim a analogia do sabor do pênis ao sal que se tempera a salada.

Traz outros ensinamentos sobre os preliminares sexuais e o momento do início da relação sexual: “tens que mamar e soltar, a boca é quente, ele vai sentir-se quente. Depois vais meter a língua na glânde, ele vai começar a gemer e vai pedir para iniciar a relação sexual. Com a vontade que já estaremos naquele momento, basta ele dizer, eu já estarei pronta para lhe dar”.



Fonte: Print Scream de vídeo partilhado nas redes sociais

Em meio a suas palavras, reclama para si o domínio sobre o homem na cama: “sem parar, ele me empurra, eu o empurro, sem parar, ele me dá eu retribuo (...) então é ele que manda em mim ou eu é que mando?”, trazendo o debate para a democratização nas relações de género e desconstruindo a subordinação da mulher à autoridade masculina. Ao invés dessa submissão à força física do homem, reveladores do poder masculino, resultando de práticas culturais e tradicionais que colocam a mulher numa situação de submissão em relação aos homens, ela reconhece um desfrute igualitário, com tendência ao controlo do corpo do homem durante a prática sexual.

A sociedade androcêntrica ou patriarcal se organiza de forma a favorecer ao homem o acesso ao poder ou vê o homem como sinónimo de poder e, o acesso a esse poder pelas mulheres as colocam segundo Bourdieu (1999:58) numa situação de “double bind: se agem como homens, expõem-se a perder os atributos obrigatórios da feminilidade e põem em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação”. Porque ser feminina implica que se evite todas as propriedades e

práticas que podem funcionar como signos de virilidade (Bourdieu, 1999), visto que a sociedade se organiza pelo primado da masculinidade e não da feminilidade. Neste sentido, a forma como homens e mulheres se expõem, expõem suas vidas e intimidades é vista a partir de um prisma diferente.

Continuando a sua narrativa, reconhece ao homem o direito legítimo de trair a mulher quando esta se recusa à prática sexual, remetendo a mulher, neste particular, à submissão ao desejo do homem: “porque nós as mulheres na maioria somos nós que facilitamos. Quando o homem chega, dizemos não, estou cansada do trabalho”. Neste caso, ela culpabiliza a mulher que recusa a ter relações com o homem, justificando os motivos da infidelidade masculina. Neste particular, “os homens têm sido tradicionalmente considerados – e não apenas por si próprios – como tendo necessidade de variedade sexual para a sua saúde física”, como pontua Giddens (1993:16)

No seu estudo sobre a lógica particular que subjaz a organização familiar na ilha da Boavista, Lobo (2012) salienta que a maioria dos homens boavistenses mantém contatos afetivos com mais de uma mulher ao mesmo tempo.

As relações de género, neste caso, seriam desiguais pois enquanto se espera que a mulher tenha uma relação com um homem de cada vez, por outro lado, entende-se que o homem tenha várias mulheres porque é algo inerente à sua natureza, devido ao seu desejo sexual que o torna predestinado a múltiplos relacionamentos (Lobo, 2012). Tal estilo de vida é altamente valorizado pelos homens, pois está ligada à noção de virilidade, símbolo importante para a construção da masculinidade, segundo a autora, que se estende por todas as ilhas.

Entre os comentários ao live, deparamos que a sua maioria é feita por mulheres na faixa etária entre os 20-30 anos e alguns rapazes na mesma faixa etária.

Entre os comentários feitos por mulheres destacamos “tenho que pôr em prática”; “aula grátis”; “S. dê rapazes na Suíça conselhos porque não sabem transar”; “hoje sim”; “morta”; “assunto é transar”; “A. Estás aqui?”; “que tristeza”; “nojento isso”; “já morri”; “socorro”; “Louco, estás a tomar nota meu irmão?”; “sal fina”; “tomem nota”; “mas por quê?”; “Se eu morrer tu é que me mataste”; “me atende no vídeo”; “V. aprendeee”;

No seio masculino destacam-se os comentários: “Mano K. tens que dar aulas ao pessoal”; “tesão aderiu”; “vocês ouviram? Tem que segurar”; “D. estás a ouvir a professora?”;

“agora nós é que seremos violados”; “S. és da Vila Nova?”; “oh yes”; “gosi ta poi mudjer ta viola omi”.

Nota-se na maioria dos comentários memes de risos e em poucos comentários de mulheres memes de vômitos, rejeitando essa tal liberdade de falar sobre sexualidade, baseado na divisão convencional entre os papéis femininos e masculinos.

No seio dos comentários dos homens vê-se a tendência na ênfase à violação, contrariando esse poder que detém sobre a mulher.

No próximo vídeo temos uma moça na faixa etária dos 20-30 anos, sentada à frente da câmara, ouve-se o som da televisão ao fundo. Pela sua fala, ela encontra-se em Cabo Verde e pela variante deduz-se que na ilha de Santiago. Não ficou especificado se tratar ou não de uma transmissão ao vivo. Parece sim se tratar de um vídeo gravado e que foi partilhado nas redes sociais, sem estarem disponibilizados os comentários.

Começa o vídeo dizendo que vem falar um pouco da quarentena² que não tem corrido muito bem, que está bastante aborrecida e cansada, que entrou em pânico, e até apanhou diarreia, quando anunciaram mais 20 dias de prolongamento do Estado de Emergência.

Passado essa introdução na sua fala, ela avança que “até já me deu tesão, com vontade de ter relações sexuais, mas não posso ter devido à quarentena. Pessoal, após a quarentena passar vou ter relações sexuais, mas vou ter muitas relações porque a quarentena não está bem. A quarentena me apanhou sem ter relações sexuais. Pessoal, tenham relações sexuais no pós quarentena, muitas”.

A protagonista do vídeo penetra em novos mundos, ocupando o espaço, agora virtual, de dominação masculina. Para Giddens (1996: 18), “as mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenómeno. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo

² Com a confirmação do primeiro caso positivo para o novo Corona Vírus no dia 19 de março na Ilha da Boavista o Presidente da República decretou um primeiro período de estado de emergência em Cabo Verde, de 20 dias, que começou em 29 de março, tendo vigorado até 17 de abril. Terminado esta fase foi decretado um segundo período de estado de emergência de 15 dias abrangendo apenas as ilhas de Santiago, Boa Vista e São Vicente, que na altura eram as únicas com casos positivos. De 03 a 14 de maio esse período de exceção vigorou nas ilhas de Santiago e Boa Vista, e de 15 a 29 de maio vigou apenas em Santiago, não sendo mais renovado desde então. Durante os sucessivos períodos de estado de emergência, as atividades laborais, a circulação na via pública e os ajuntamentos de pessoas foram amplamente condicionados. Nesse período houve uma proliferação de diretos e vídeos a circularem nas redes sociais.

todos nós naquilo que chamarei de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar”.

Um outro vídeo analisado trata-se de um diálogo entre duas mulheres que partilham suas experiências sexuais, a partir de uma live (chamada em direto) numa rede social. As duas falam das suas experiências sexuais – bem e mal sucedidas – online e não só, de suas relações de intimidade com homens – namorados e amantes. Esta live é num formato entrevista em que a proprietária do perfil é entrevistada por uma seguidora – amiga virtual pois se conheceram através desta plataforma. A entrevistada é conhecida, nesta plataforma online – por dar dicas no campo sexual aos internautas.

O vídeo começa com as duas falando e a entrevistadora diz que ninguém aguenta sua interlocutora porque é muito “fresca” – assanhada – e ela retorquiu dizendo que gosta do “peniku”, ou seja, do sexo e que só não faz se estiver doente. A convidada do live continua a conversa dizendo à interlocutora que é parecida com uma sobrinha que também é do interior e volta ao assunto “sexo”, segundos depois, dizendo que ela tem uns lábios carnudos e que gostaria de a beijar já que o “boy” dela não aguentava uma relação sexual por muito tempo. E, ela responde dizendo a situação não era boa porque os homens “desapareceram” nesta quarentena. E que sai à rua buscando homens para seduzir mas não encontra nenhum pois parece que os homens casados e “comprometidos” foram guardados pelas esposas e companheiras em casa. Na sequência, a convidada diz que a quarentena foi um momento bom para as mulheres casadas ou que vivem com um companheiro pois estão mais bonitas uma vez que estiveram bem servidas do sexo durante a quarentena. A interlocutora retorquiu dizendo que sua pele está “entupida” por falta de sexo, deixando subjacente que o sexo é bom para desobstruir poros da pele. Durante a conversa conta que andava com um homem, de 30 anos, mas o deixou, porque este “não aguentava 2 minutos”, ou seja, sofria de ejaculação precoce. E que ela se masturbava depois da relação sexual, pois claramente este não servia.

Continua falando que já fez sexo por telefone, muitas vezes, com a câmara ligada, através das plataformas de chamadas online com recurso à internet. A interlocutora pergunta, afirmando, se ela sentiu vergonha e respondeu que não e que tem a “cara de homem”, ou seja, os homens não sentem vergonha e que faz de conta que ninguém a vê e continua se masturbando para a pessoa do outro lado da câmara. A interlocutora conta a sua experiência dizendo que faz sexo por telefone porque está num país e o namorado num outro. Podemos ver que as TIC, por

via das videochamadas, permitiram a construção de vários tipos de relacionamentos amorosos com a mediação da internet que são os namoros virtuais, relações afetivas, amorosos e sexuais virtuais. A experiência contada no vídeo mostra precisamente isso, relações sexuais e íntimas mediadas pelas novas tecnologias e pela internet. A internet e as plataformas online de comunicação permitem a construção de relações amorosas e sexuais virtuais em que a vivência da sexualidade reconfigura-se e reinventam-se vínculos afetivos e amorosos que têm como base as alterações nos modos e nos comportamentos dos sujeitos sociais (Silva & Takeuti, 2010).

Outra experiência que ela conta no vídeo é a de relacionamentos não monogâmicos. Ela conta que deixou um homem porque era insaciável, este ao contrário a “fartou” até demais. E era casado e a esposa descobriu e proibiu mas ela queria dividir, este homem, durante a quarentena. Ela era a primeira, mas desistiu da relação porque ele era sobredotado na cama, “era um espetáculo de homem” na cama, embora “feio”. Foi uma das melhores experiências que teve com um homem, apesar do pênis grande. Ele tinha lábios grandes e dizem que os homens com lábios grandes possuem um pênis grande. A cultura cabo-verdiana assume o padrão relacional monogâmico como o paradigma ideal nos relacionamentos amorosos por parte das mulheres enquanto que para os homens é o contrário. Neste sentido, a sociedade cabo-verdiana estigmatiza os relacionamentos não monogâmicos por parte das mulheres e valoriza os relacionamentos não monogâmicos por parte dos homens.



Fonte: Print Screenshot de vídeo compartilhado nas redes sociais

O corpo feminino a partir do olhar masculino

Ao analisarmos os vídeos protagonizados por indivíduos do sexo masculino constatamos a existência de grandes diferenças em relação aos vídeos produzidos por mulheres. Os vídeos são produzidos em espaços públicos de lazer, de convívio entre conhecidos ou até mesmo no local de trabalho. A figura central é a mulher nas mais variadas dimensões. Não constatamos a exposição de partes íntimas masculinas ou quando aparecem normalmente é ocultado a identidade dos protagonistas.

Os vídeos se centram essencialmente à volta de temáticas sobre como ser um bom amante, como dominar as técnicas e os rituais potenciadores do prazer feminino. “*Não é só dar pênis que é solução para mulheres*”, aqui o apelo lançado aos homens cabo-verdianos é no sentido de darem mais atenção a outras componentes do ato sexual que vão para além da penetração, é preciso cumprir os demais preliminares como “*sexo oral*, dar carinho e sempre acompanhado de muito diálogo.

O bom domínio e o pleno cumprimento dos preliminares é apresentado como condição essencial para quem quiser assegurar relacionamentos duradouros.

Dentro deste grupo podemos ainda incluir os vídeos com testemunhos críticos e com leituras deterministas sobre a forma como homens provenientes de determinadas regiões do país costumam tratar as mulheres. Se queres perder peso “*namora com rapazes da Praia*”. Neste testemunho o autor do vídeo chama atenção às mulheres no sentido de evitarem relacionamentos amorosos com homens provenientes da Cidade da Praia porque resultaria com certeza em deceções e desgostos. Homens da Cidade da Praia só são recomendáveis para quem quer perder peso, onde se associa o desgosto provocado pelos rapazes da Praia ao emagrecimento feminino.

Uma outra vertente muito frequente nos vídeos analisados é a presença do corpo feminino como objeto ou mercadoria de consumo. A referência são as mulheres que não buscam um relacionamento amoroso, que procuram apenas uma aventura ou que, sendo profissionais ou não, encarram o sexo como uma fonte geradora de rendimentos.

Nestes casos os vídeos produzidos por homens não apelam ao lado emocional ou aos cuidados a se ter no trato do corpo feminino. As temáticas variam desde as críticas ao preço “exagerado” por se pagar por uma “pitada”, a testemunhos de angariadores de turistas em

relação à falta de apoios do estado aos rapazes prestadores de serviços sexuais nas ilhas turísticas e que se viram numa situação de crise por conta dos efeitos do COVID19.

Portanto o padrão de publicações difere em relação aos vídeos femininos. Não se constata o recurso aos lives, com forte apelo à participação com vista a se conseguir atingir determinadas metas de visualizações, como acontece em muito vídeos femininos.



Fonte: Print Scream de dois vídeos partilhados nas redes sociais

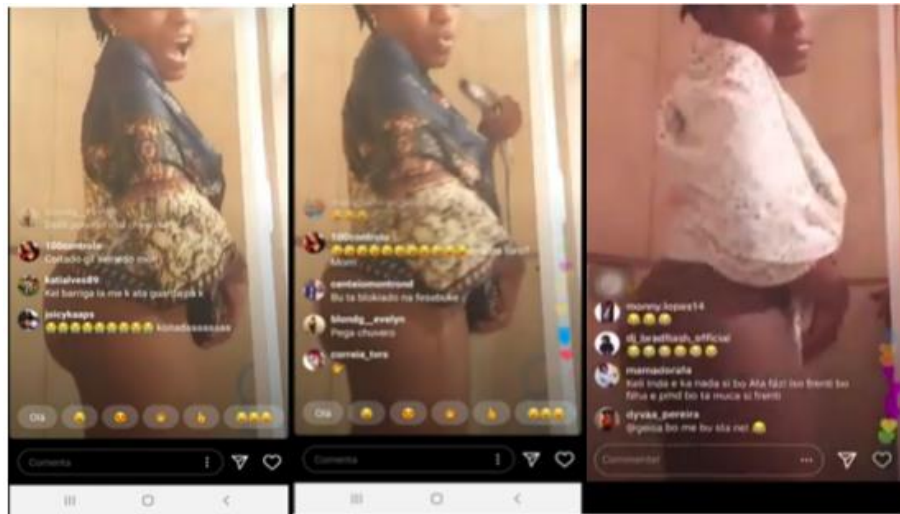
A fabricação do corpo feminino cabo-verdiano nas redes sociais

Nos dois vídeos femininos analisados, a protagonista aparece dançando o funaná³ em uma divisão da sua casa, seminua, sem falar, só se ouve a música ao fundo, numa transmissão ao vivo. Os vídeos analisados são da mesma autora referenciada que se encontra na faixa etária entre 35-40 anos, mãe de cinco filhos.

Ela direciona o seu olhar para a câmara, coberta com um xaile até à cintura, de perfil, e rebola a *kadera*⁴, parte do corpo que ela quer exhibir. Pelas suas expressões faciais, nota-se que ela está muito satisfeita com a sua performance. Num dos vídeos segura um chuveiro e se banha com a água, mesmo com parte do corpo coberto, o que nos leva a pensar que se encontra na casa de banho.

³ Género de música e dança cabo-verdiana, característica da ilha de Santiago.

⁴ Bunda ou rabo.



Fonte: Print Scream de dois vídeos partilhados nas redes sociais

Nas duas primeiras fotos, as visualizações em direto atingiram 3810 no momento da gravação do live e na segunda 4681 seguidores.

Em este evento performático, a fabricação da corporeidade feminina vem diluir as fronteiras de territorialidade privada, deslocando e percorrendo espaços outros, mais amplos, das redes sociais.

A exposição do corpo feminino via transmissão ao vivo nas redes sociais é algo relativamente recente na sociedade cabo-verdiana, que não se espelha no seu quotidiano de referência.

A *kadera*, neste cenário, constitui a parte central para a fabricação desse corpo. Ela se visualiza enquanto mulher com uma *kadera* que pode atrair os homens que estarão assistindo ao vídeo, sendo a parte do corpo que esteticamente ela quer dar ênfase. Enquanto ela faz o rebolado, com os movimentos de erotismo associados ao sexo, deduz-se um certo treinamento para a execução de tais movimentos.

Pela análise dos comentários feitos em direto, vários usuários usam os *emojis*.

A análise dos comentários foi dividida entre os feitos por mulheres e os feitos por homens. Entre os comentários de mulheres destacamos: “100 ciúmes”; “Mas S. o que se passa mesmo?”; “E esta barriga que escondes aí é porquê?; “Coitada”; “Ai que pena, ninguém te desencorajou?”; “Tira o pano e deixe os rapazes loucos”; “S. assim não!”; “Pelo menos ela já

mostrou que lava as partes íntimas e vocês as maravilhosas podem também mostrar que lavam as vossas partes íntimas que cheiram a babosa”; “Não! Ela tem filhos mesmo?”; “S. porquê?; “O mundo tá perdido”; “Ganha vergonha”; “Isto ainda não é nada, se fazes isso em frente à tua filha é porque tens relações sexuais também à frente dela”; “S. pára, já tá bom, és mulher, mãe de filhos, e teus filhos vão te bater com um pau nas partes íntimas”.

De acordo com o seu quadro de referência, nota-se que o papel que se espera da protagonista, de mulher, mãe, é realçado pelas usuárias do sexo feminino, em função do ideário da virtude. A este respeito, diz-nos Giddens (1993:16) que “em sua maioria, as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as “mulheres perdidas” só existiram à margem da sociedade respeitável”.

Em meio a suas críticas negativas, estabelecem os limites daquilo que pode ser publicado ou não, de acordo com os códigos de conduta, que deveriam ser respeitados, com linhas ténues entre o certo e o errado, trazendo à discussão para a compreensão cultural do que é apropriado e o que não é apropriado de ser publicado por uma mulher, mãe, nas redes sociais, principalmente o dever de mãe, de não se expor para não envergonhar os filhos. A exposição do corpo é alvo de depreciação, principalmente pelas visualizadoras do sexo feminino.

Destacamos os comentários feitos por homens: “tira tudo”; “tira o pano”; “eu estou aqui, badia⁵ não dá para perder”; “mostra o rabo”; “pessoal, lhe deem conselhos”; “audiência máxima aderiu”; “vais ser bloqueada no Facebook”; “pega no chuveiro”; “paciência”; “precisa ser internada no Trindade⁶”.

Entre os usuários do sexo masculino, para além de algumas críticas negativas, há uma tendência na exaltação e no incentivo a que a protagonista ultrapasse os “limites”, o querer que a protagonista tire o xaile. Sobre este desejo masculino, diz-nos Bourdieu (1996: 31) que “o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada”, sendo considerada enquanto um “reconhecimento erotizado da dominação”.

O próximo vídeo analisado é resultado de uma transmissão ao vivo, que foi partilhado nas redes sociais em três pequenos excertos, onde a protagonista aparece dançando em uma divisão da sua casa, com uma lingerie de cor rosa transparente, que deixam quase a nu os

⁵ Natural ou habitante da ilha de Santiago.

⁶ Hospital Psiquiátrico da Trindade, na ilha de Santiago.

contornos do seu corpo, com música ao fundo, numa transmissão ao vivo. A protagonista é uma mulher na faixa etária entre os 20-30 anos, cabo-verdiana, que vive nos Estados Unidos da América desde a infância. Pela variante que ela utiliza e pelas informações que ela avança em outros vídeos, ela é originária da ilha da Brava. Sempre que quer que a sua fala seja bem percebida, ela se aproxima da câmara e depois se afasta para fazer a sua performance de dança e movimentos erotizados, trazendo a discussão para mudanças no comportamento e nas atitudes sexuais nas redes sociais.

Neste vídeo há um despertar dos telespetadores para sensações de excitação. A linha de comunicação que ora se trava navega o telespetador na descoberta progressiva das suas possibilidades. Toda a sua performance é erotizada. O corpo quase nu aparece neste cenário o centro da transmissão online.

Começa o seu vídeo bebendo cerveja e pedindo que as pessoas entrem e partilhem o vídeo. A todo o momento, ela rebola a *kadera*, dá palmadas no rabo, segura os seios, acaricia-os e diz “boas mamas, foi Deus quem me deu, sou poderosa, hoje vou arrebentar com o Facebook, eu é que mando”; “vejam que eu é que mando, mexendo esse rabo grande, eu é que mando nos Estados Unidos, sou muito boa”; “boas mamas, saborosas, eu sou gostosa, eles não querem, mas eu é que mando, sou rainha”. Em meio a essas falas, faz várias performances de dançar e movimentos erotizados de tremer a *kadera*, o que nos leva a refletir como a corporeidade feminina cabo-verdiana nas redes sociais é fabricada.



Fonte: Print Scream de três vídeos partilhados nas redes sociais

Ao movimentar-se pelo chão, deduz-se que as partes fundamentais na fabricação desse corpo, por ela destacada, são os seios, a *kadera*, dizendo que tem corpo bonito e é gostosa. Quanto aos seios, ao segurar mostra o quão fartos são. O mesmo se passa com a *kadera*, que constantemente a exhibe com movimentos erotizados, e alguma técnica ao tremer o rabo, dá palmadas no rabo, revelando, em sua fala, o quão grande é.



Fonte: Print Scream de três vídeos compartilhados nas redes sociais

Por outro lado, destaca na dimensão estética, em sua fala, a beleza do seu corpo que revela ser visível por meio da lingerie que ela usa e pela sua performance de dança e movimentos erotizados,

Critica os cabo-verdianos dizendo que está farta deles, “podem me chamar de bandida”; “só invejosas”; “vim fazer o vídeo aqui no Facebook porque eu quero que todos me julguem, vida é um só, a mulher anda nua na praia de mar e ela é santa; aqui não há puta, a vida é louca”.

O que está em jogo é a reputação, a distinção entre garota decente e vadia, tal como pontua Giddens (1996). Tal situação possibilita uma discussão mais profunda sobre a virtude, segundo a reflexão de Giddens (1996:16), que nos diz que “há muito tempo a virtude tem sido definida em termos da recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante”.

Nas suas falas, presume ainda uma igualdade e liberdade sexual em relação aos brasileiros. “Deixo-vos a falarem de mim, sou uma só, amanhã eu morrerei contente, feliz da

vida porque o cabo-verdiano não é igual ao brasileiro. Nos outros países é sem descaramento, elas mostram o órgão genital, eu ainda nem mostrei, eu é que mando nos Estados Unidos”; “se fosse no Brasil eu estaria com muito dinheiro, rica, mas o cabo-verdiano não ajuda”.

Contudo, como pontua Giddens (1996), em um mundo de igualdade sexual crescente, ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação um ao outro.

Pede nos vídeos “Cash app S.”, o que nos apela a novas formas de empreendedorismo.

Continua apelando à partilha “Partilhem para que todo o mundo veja que hoje estou louca; hoje eu é que mando”; “Chamem as pessoas para entrarem, entrem, não perdem o *show*, se perderem o *show* vão chorar hoje”; “vamos alcançar 20.000 visualizações”; “me ajudem a chegar a 20.000 visualizações hoje”. Mostrando-se pouco preocupada com as implicações negativas do live, a ênfase está no sucesso, nas visualizações que se pretende atingir.

Na sua narrativa fala sobre a exibição do seu corpo: “Não tenho medo de mostrar os meus seios, basta que eu não mostre o meu órgão genital, eu mostro tudo, mostro os seios, mostro *kadera*, eu é que mando, sou rainha de todo o mundo”.

Traz alguns indícios sobre a sua liberdade sexual: “Esta roupa está rasgada, eu é que rasguei porque eu quero, tenho muita lingerie, sou rainha delas”; aproveita no momento e rasga ainda mais a lingerie.



Fonte: Print Screenshot de três vídeos partilhados nas redes sociais

Ela se reconhece e apela que as pessoas lhe chamem de rainha: “me coloquem como rainha de Cabo Verde, eu mereço, eu não ligo a nada”; aproveita e bate no seu rabo, com as pernas abertas para a câmara, arranja a cueca com as mãos, depois bebe cerveja e continua com a sua performance ao som da música.



Fonte: Print Scream de três vídeos partilhados nas redes sociais

Em muitos comentários as pessoas identificam outras pessoas, de modo a que elas entrem e visualizem os vídeos, mesmo a pedido da protagonista.

Entre os comentários de mulheres destacamos: “Deixa eles falarem”; “Hoje embebedaram-na”; “Mau sim”; “Oh Deus, se somos ruins por que estás a pedir que te enviemos dólar?”; “O que fizeram à patroa?” “P. pensei que ela tinha dinheiro, mas está a pedir aqui para pôr cash app”; “Vida louca”; “Minha sobrinha J.L. estás aqui?”.

Algumas mulheres enaltecem a sua performance, outras chamam outras mulheres para o live e outras criticam o fato de ela estar a pedir dinheiro no live.

Destacamos os comentários feitos por homens: “quem busca acha. Estás com um buraco negro de merda”; “MC que manda mesmo”; “Vamos nos organizar”; “não lhe telefonem”; “L.S. nem precisas me identificar, estou vendo entretanto este polvo; “cash app mandem”.



Aqui há também a tendência no enaltecimento da sua performance, revelando a vontade de continuar a assistir o live sem que nada lhes interrompa, nomeadamente chamadas que interrompem as transmissões.

Conclusões

A exposição do corpo via transmissão ao vivo é algo relativamente recente na sociedade cabo-verdiana. A realização de eventos performáticos *online* vêm diluir as fronteiras de territorialidade privada, deslocando e percorrendo espaços outros, mais amplos, das redes sociais.

Tal situação assumiu novos contornos devido ao confinamento a que as pessoas ficaram sujeitas em todo o mundo no período da pandemia do novo coronavírus sars-cov-2. As pessoas passaram uma maior parte do tempo nas redes sociais, com repercussões nas formas de exposição de expressão pública de dimensões que, tradicionalmente, costumavam ser de partilha mais íntima.

O que se destaca nessas transmissões é o surgimento de um novo roteiro de lives, com temáticas sobre a sexualidade, extrapondo a intimidade do campo privado para um espaço público intimista e descontraído. Em alguns vídeos assistimos a aulas sobre as performances sexuais e sobre a sexualidade, no geral, com espaço para colocação de perguntas e esclarecimento de dúvidas.

Entre os vídeos produzidos por indivíduos do género feminino, a produção dos vídeos segue um roteiro que frequentemente inclui a publicitação prévia dos mesmos nas suas páginas nas redes sociais, com detalhes do dia e o horário do próximo live, avançando em alguns a temática que irá ser retratada, cativando e estimulando os espetadores e alcançando durante a transmissão níveis elevados de audiência.

Ao analisarmos os vídeos protagonizados por indivíduos do género masculino constatamos que são produzidos sobretudo em espaços públicos de lazer, de convívio entre conhecidos ou até mesmo no local de trabalho. A figura central é a mulher nas mais variadas dimensões e se centram essencialmente à volta de temáticas sobre como ser um bom amante, como dominar as técnicas e os rituais potenciadores do prazer feminino.

Outra vertente muito frequente nos vídeos analisados é a presença do corpo feminino como objeto ou mercadoria de consumo. A referência são as mulheres que não buscam um



relacionamento amoroso, que procuram apenas uma aventura ou que, sendo profissionais ou não, encarram o sexo como uma fonte geradora de rendimentos. Nestes casos os vídeos produzidos por homens não apelam ao lado emocional ou aos cuidados a se ter no trato do corpo feminino.

Referências bibliográficas

- BELELI, I. (2017). Reconfigurações da intimidade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25 (1), pp. 337-346.
- CASTELLS, M. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. I, *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GIDDENS, A. (1993). *A Transformação da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP.
- GIDDENS, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença.
- GIDDENS, A. (2013). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – INE. (2018). Dados estatísticos sobre TIC em Cabo Verde. http://ine.cv/wp-content/uploads/2018/06/tic_2018.pdf, acesso em 19 de Junho de 2020.
- LASÉN, A., GÓMEZ-CRUZ, E. (2009). Digital Photography and Picture Sharing: Redefining the Public/Private Divide. *Know Techn Pol* 22, 205–215. <https://doi.org/10.1007/s12130-009-9086-8>
- LAY, A., & FERWERDA, B. (2018). Predicting Users' Personality Based on Their 'Liked' Images on Instagram. 2nd Workshop on Theory-Informed User Modeling for Tailoring and Personalizing Interfaces (HUMANIZE). <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:hj:diva-38868>
- LÉVY, P. (1993). *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- LOBO, Andréa (2012). *Tão Longe, Tão Perto famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. Praia: Universidade de Cabo Verde.



Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros
KWANISSA – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros

PINTO, L. (2021). Impacto da Pandemia de Covid-19 no uso da Internet e nos Comportamentos de Interação Sexual Online. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/134930/2/483823.1.pdf>

SILVA, A. & TAKEUTI, N. (2010). Namoro virtual e as experiências romântica online: um estudo da comunidade virtual do Orkut “conheci meu amor pela internet”. MNEME – Revista de Humanidades, 11 (27), pp. 61-80.